

**O Curso de Especialização em Teoria  Psicanalítica (CETP) UniCEUB-SPBsb convida para palestras mensais, como a realizada abaixo:**

**Título: Vicissitudes da sexualidade feminina.**

**Palestrante: Crisélia Sanromán. Psicanalista, membro da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb), Docente no CETP.**

**Data e Hora: sábado, 07/11, às 16h30.**

**Local: Campus UniCEUB Asa Norte, Bloco 3, sala 3018.**

**Entrada franca.**

**Esse evento faz parte da série Encontros Psicanalíticos / Café Psicanalítico, para o 2º semestre de 2015.**

**Vicissitudes da Sexualidade Feminina**

Muitas mulheres são visualizadas pela sociedade como uma menina presa dentro de sua sexualidade. Em observações clínicas de mulheres que reproduzem sintomas nos qual o corpo médico não encontra respostas na origem biológica ou hereditária para sanar o conflito interno da paciente são fundamentais para a compreensão deste fenômeno social do comportamento humano.

É muito comum entre as mulheres, dentro da expressão da clínica psicanalítica desencadear problemas somáticos em que as sintomatologias estão ligadas às estruturas condicionantes que remetem ao passado em que o apoio psicanalítico através das teorias, principalmente de Freud, Lacan, Bion e Mc Dougall são capazes de sintetizarem a fabricação das relações em torno deste fenômeno.

**“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” - Simone de Beauvoer**

É importante compreender como um profundo aprendizado o momento em que uma filha de posse do convívio com sua mãe desenvolve o seu senso crítico em questionar a essa mãe como é o se tornar mulher.

Mulheres criam defesas para se manterem vivas, mas com o tempo este entrelaçamento psíquico que nos fortalece, nos abastece de amparo, força e vigor acaba por desenvolver com o momento uma sintomatologia que nos retiram o prazer. Porque aquilo que é arremessado sobre o inconsciente e é represado para sua manifestação psíquic, em fase de ebulição desencadeia outras formas de existir dentro do ser humano e assim sendo passa a se expressar de uma maneira em que o aspecto visível de uma enfermidade é a forma encontrada pelo organismo de indicar que alguma coisa lá no fundo da alma não estava caminhando bem.

Muitas vezes a mulher é bem-sucedida profissionalmente, mas possui muitas dificuldades na vida cotidiana, nas suas porções pessoais e afetivas. E a evidência mais forte deste comportamento social é a presença de uma estrutura que remete a uma conduta infantilizada, refletindo sobre o comportamento como expressões infantis ao longo do tempo.

A construção da identidade sexual percorre diferentes fases de desenvolvimento.

A primeira delas é a fase **Oral** em que a fixação mais ou menos traumática sobre esta fase permite ao indivíduo desencadear no futuro enfermidades como o alcoolismo e os transtornos alimentares.

A segunda fase é conhecida como **Anal** em que a criança aprende a lidar com o controle do seus esfíncteres, fundamentalmente importantes para a gestão das transformações do alimento ao longo dos canais de absorção e um trauma durante este período pode provocar uma ruptura deste processo de alicerce primitivo de controle o que poderia transformar evolutivamente num adulto com doenças emocionais, ambição e pessoas propensas a acumulação sem limites.

A terceira fase é a **Fálica** onde é desencadeado o prazer pela masturbação, ou seja, da repetição da erotização do pênis ou da vagina.

Para em seguida a criança vir a descobrir a diferença anatômica entre meninos e meninas, sendo introduzido nesta fase um complexo de castração ao qual a criança é introduzida dentro de limites quanto a sua conduta na qual é reproduzida pelos pais como uma barreira a intenção do desejo, da libido e do prazer.

Como todos sabem meninos e meninas apresentam desenvolvimento diferentes. Onde o contato mais intenso nos primeiros meses geralmente com a mãe faz com que a criança tenha uma preferência mais acentuada por ela, o que inicialmente desperta o interesse da criança por esta mãe provocando a criação de um desejo mais intenso em possuí-la. Tal relação é tanto válida para meninos quanto para meninas. Então a fase de castração serve para inibir os impulsos devoradores do filho ou filha para com o relacionamento de sua mãe, com a finalidade de proporcionar o afastamento do desejo.

O movimento descrito acima promove dentro do desenvolvimento psíquico da criança uma significação da representação do ato sexual... A menina em simbiose com a mãe tenderá a se virar para o pai, transferindo grande parte de seu afeto antes integral desta mãe. E passará a culpar esta mãe pela ausência do pênis. A figura paterna do pai tenderá a ser desejada por parte desta criança, até que a formação da fase seguinte comece a remodelar a estrutura cognitiva deste indivíduo.

Na fase **Genital** com a formação da triangulação amorosa entre mãe, criança e pai, a criança já é suficientemente madura para compreender que certos mecanismos foram produzidos e estão em sintonia com a mãe e outros mecanismos estão em sintonia com este pai. Mãe e pai devem ser compreendidos dentro da psicanálise como as pessoas que verdadeiramente transferem afeição e envolvimento para com a criança que é cuidada. Nesta fase o menino vai descobrir o prazer da vagina e a menina o prazer que a introdução do pênis é capaz de proporcionar no interior desta vagina. O órgão de prazer do menino é o pênis e da menina é o clitóris.

**“A mãe é o primeiro amor de todo ser humano, ou aquela que ocupa seu lugar.”**

As pessoas se reproduzem à imagem desta mãe, ela passa ser o referencial de mundo nem que seja em caso de desvio para a virada do seu oposto quando o relacionamento entre mãe e filha (o) não edifica uma existência pacifica.

Para Lacan existe um terceiro estágio do espelho caracterizado com o surgimento do pai com a função normalizadora dos limites da relação simbólica mãe-filha (o).

Aprisionar uma filha é muito mais fácil do que um filho. O menino é muito mais fácil de manejo principalmente pela visibilidade da ereção.

Em alguns exemplos clínicos existem muitos casos em que mães invertem os papéis com suas filhas, substituindo-as pelo papel do filho morto. Nestes casos é comum que o pai assuma um papel de omissão. Onde o desenvolvimento desta criança é caracterizado pela falta de referências maternas para constituir a feminilidade da mulher.

É muito comum o prazer de ser mulher ser afetado e esta sensação desencadear uma falta de confiança nos homens. Então a mulher passa a querer um homem que ela controle ou seja fácil de manipular – o que pode ser uma forte evidência de uma falha no mecanismo que originou a passagem do édipo.

Muitas vezes a relação do conflito interno é desencadeado pela percepção da transformação desta filha ao crescer, em uma borboleta, em que a mãe ao observar a transformação desencadeia inconscientemente uma competição para com esta filha, como se esta mãe quisesse reviver na filha um tempo que já passou para si não cedendo espaço para o desabrochar desta filha para o mundo. O pai muitas vezes visualiza este tipo de violência temporal, mas acuado procura não intervir na disputa entre mãe e filha. Então a filha passa a aceitar relações com homens de forma desrespeitosa porque a mãe competidora destruiu toda a sua autoestima. Porque a filha é muitas vezes incapaz de disputar os melhores homens pois eu seu inconsciente eles estão registrados como pertencentes a esta mãe que tem preferência sobre sua satisfação.

Outros casos, a mãe passa a acompanhar a filha nas redes sociais, empurra a filha para homens segundo a projeção de seu autoerotismo. E depois de tanto investimento desta mãe sobre a filha, o pai passa a se sentir isolado e parte para constituir outros relacionamentos extraconjugais e novamente aqui a menina não consegue entrar na fase edípica. E fica completamente despreparada para o mundo. Não sabe cativar e seduzir um homem.

Muitos outros casos clínicos a filha passa a ser mãe dos filhos desta mãe. Quando esta filha vier a se casar provavelmente ele, o marido, terá problemas com esta sogra que tanto estabeleceu um vínculo com esta filha. Como se o problema fosse a origem de uma competição com a sogra para que ele venha a ter mais espaço com esta filha que internalizou sua mãe dentro de si.

Nos casos de ausência paterna, a mãe é a figura forte da família, muito admirada e investida sentimentalmente, até que chega o momento que esta mãe morre e a filha fica desamparada. Impedida de ver o mundo cujo alicerce era sua mãe. Muitas mulheres passam a fazer uma negação sobre si mesmo e passam a levar a vida como se não houvesse um compromisso do existir que gerasse uma representação de vida em sua jornada. Para esta criança sua mãe também deve ser pai, mas esta postura de ser pai e mãe ao mesmo tempo faz com que a criança desenvolva de forma muito comum problemas de somatizações no seu desenvolvimento futuro devido a dor de expressão desta ausência masculina suprida pela mãe. Visualizado através de um choro contínuo de uma perda sem reflexos do constituinte físico.

Em outros casos clínicos existem mulheres que só aceitam em ter filhos homens. Neste caso quando a mãe tem uma filha, com seu desenvolvimento, esta mãe passa a denegrir a imagem desta filha. Muitas vezes para esta mãe é como se as filhas não existissem. É comum a família passar a compactuar com a atitude de exclusão da mãe. O que irá provocar cada vez mais a revolta desta filha para com sua mãe e para com sua família. Isto vai levar a influenciar esta filha à retirada das referências e a elaboração de uma construção de identidade andrógena, postura intelectualizada e relação com os homens em que a mulher é a dominadora versus dominada. A filha passa a ser a mulherzinha da casa, abdica do lugar de mãe para não fazer a mesma coisa que a mãe fez com ela.

Em casos que o pai é boêmio e a mãe extremamente religiosa, a filha sente medo de ficar sozinha na casa com este pai que avança em termos de volúpia sobre a integridade da filha quando intensificado pela bebida é incapaz de tirar os olhos sobre a curvatura da filha. Então esta mulher tenderá ao desenvolvimento com a castração e o medo de exposição de seu corpo perante outros homens. E refletirá um medo de magoar esta mãe quando a relação de opressão em relação ao pai boêmio gera uma aproximação de relação simbiótica entre mãe e filha.

A Doutora Crisélia Sanromán listou suas principais conclusões a cerca deste fenômeno clínico como forma de organizar a exposição dos diversos mecanismos que afetam a integridade da mulher:

* A relação pré-edípica com a mãe tem papel capital na organização sexual da menina;
* A simbiose de adentrar no complexo de édipo na relação insatisfatória com a mãe pode empurrar a menina precocemente para o pai;
* A menina dentro da mulher pode tornar-se inadequada no papel feminino ou exercer inadvertidamente um papel sedutor (a dama fatal);
* Se biologicamente é o pai que determina o sexo do filho, a identidade psicossexual da mesma é autorizada pela mãe;
* O representante paterno pode estar indisponível à criança, pelo ciúme materno, pela negligência paterna ou pelo aprisionamento imposto pela mãe ao bebê;
* Em relações simbióticas entre mãe e filha ocorre o aprisionamento em torno do relacionamento;
* O olhar materno é que determina o olhar da filha em relação a esse pai;
* A alienação familiar da menina evocada pelo olhar materno sobre ela, provocará sensações extremamente dolosas;
* A infantilização sexual feminina provoca a percepção distorcida do homem;
* A dificuldade na condução dos conflitos relacionais também pode ser herança desastrosa das experiências infantis;
* A relação da mãe com seu bebê é fundamental na construção da identidade feminina;
* A maneira como a mãe vê o filho irá influenciar no seu desenvolvimento;
* A imagem paterna legitimada pela mãe, é ponto essencial na escolha do objeto e na mudança da zona erógena da menina;
* A participação paterna na vida do bebê irá definir a futura mulher que se relacionará com o universo masculino e sua sensualidade;

**Considerações finais:**

É necessário a morte do pai e da mãe metafóricos para que o adolescente possa assumir sua própria constituição psíquica para num futuro vir a ser constituinte de sua visão de família. É preciso reconhecer e aceitar o declínio dos próprios limites. Há que reconhecer o tempo da mãe e o tempo da filha. Como também reconhecer a busca filogênica pelo estímulo cerebral para o desenvolvimento psíquico do indivíduo.

**Se a mãe contextualiza a introdução do pai no contexto da criança não seria esta mãe a parte ativa como representante do Falo Freudiano?**

Quando um pai é esquizofrênico e a mãe normal os filhos conseguem escapar da loucura, mas o contrário nunca é uma relação visível.

É a mãe que rouba o falo do pai e não aceita a castração. Algumas mulheres conseguem sintetizar a força de alienação parental no qual aglomeram a família em torno de si e quando ocorre uma separação de um casamento toda a família passa a ignorar o marido para nutrir apoio a mulher propulsora desta fonte de alienação. O bebê é visto por esta mãe como a parte simbólica do pênis em termos de representação psíquica da incorporação do objeto.

Ser hétero ou homo é abrir mão de um dos objetos, OU A MÃE OU O PAI?

Hoje há necessidade de ampliar o modelo de comportamento afetivo para que a psicanálise possa adaptar seus estudos para ter arcabouços teóricos suficientes para gerar apoio quando necessário para as novas configurações familiares.

Problemas de correspondências de ternura e libido estão hoje mais presentes, mesmo após toda a abertura sexual promovido nas décadas passadas. A liberdade sexual não foi capaz de gerar felicidade. Hoje existe uma dificuldade maior de gerar afeição com os parceiros sexuais que existe uma correspondência.

Na maioria dos casos o sexo é visto hoje e reduzido a satisfação da função biológica, em que se pretende chegar apenas à descarga motora, longe da coisa terna e do envolvimento afetivo gerando um vazio enorme onde longe de estar focado este texto dentro do contexto moral, mas apenas em evidências concretas das práticas e experimentações mais comuns, existe uma forte tendência de meninas e meninos liberarem a sexualidade de forma expansiva com trocas frequentes de experimentação entre pessoas. Este fenômeno faz surgir um crescente esvaziamento sensorial com a projeção do valor do outro, uma compulsão sexual sem critérios de controle, e uma busca pelo contato como alicerce afetivo em que o indivíduo tenta visualizar a re-experimentação do contato afetivo originário da mãe.

No modelo tradicional do comportamento relacional humano as famílias assim constituídas possuem mães e pais presentes. Onde a experiência histórica demonstrou que é a base para a satisfação do contato para o encontro do verdadeiro laço social quando este indivíduo amadurecido resolver que chegou a hora de sair de seu núcleo familiar e vir a projetar na formação de um novo núcleo familiar. Onde barreiras naturais à compulsão sexual foram solidificadas na psique deste indivíduo em que a construção das relações de ternura e afeto constituem-se a porta de entrada do sexo.

Os vídeos eróticos são relações de uso onde as construções do relacionamento não estão presentes do contexto sexual.

Hoje existe uma exposição demasiada da mulher em que aspectos de perversão corroboram para melhor desencadear relacionamentos transversais para a aquisição de outros objetos e a comercialização da mulher como mercadoria transacional.

A ignorância sexual decorre de comportamentos que visem esconder a informação sexual no tempo certo ou a exposição precoce em que o indivíduo não está preparado para compreender o fenômeno psíquico e sexual.

Nossa sociedade faz ainda muita confusão com liberdade e libertinagem. Onde hoje o conceito de mulher migrou de gata para CADELA. Uma mulher madura faz o coração de um homem vibrar sem precisar tocar nele. O problema da sexualidade aflorada é a perda do lúdico como representante do comportamento humano.

Max Diniz Cruzeiro

Neurocientista Clínico

Psicopedagogo Clínico e Empresarial

Estudante de Teoria Psicanalítica

LenderBook Company

www.lenderbook.com